



SEÇÃO: VARIA

## Hans Jonas e a filosofia da vida: ontologia, biologia e fenomenologia

*Hans Jonas and the philosophy of life: ontology, biology and phenomenology*

*Hans Jonas y la filosofía de la vida: ontología, biología y fenomenología*

**Jelson Roberto de Oliveira<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2362-0494](https://orcid.org/0000-0002-2362-0494)  
[jelsono@yahoo.com.br](mailto:jelsono@yahoo.com.br)

**Pedro Jaras Malta<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-3709-7550](https://orcid.org/0000-0002-3709-7550)  
[pedrojaras@hotmail.com](mailto:pedrojaras@hotmail.com)

**Recebido em:** 5 ago. 2020.

**Aprovado em:** 7 maio 2021.

**Publicado em:** 9 jul. 2021.

**Resumo:** Pretende-se nesse artigo apresentar as linhas gerais do que seria a filosofia da vida desenvolvida por Hans Jonas a partir de sua obra *The Phenomenon of Life*, de 1966. Para tanto, recuperar-se-á os elementos ontológicos, biológicos e fenomenológicos para promover uma análise que parta da crítica jonasiana à interpretação tradicional da vida no âmbito filosófico e científico, à qual se opõe a sua revolução ontológica, baseada na concepção de um monismo integral. A partir daí, analisar-se-á o conceito de unidade psicofísica e de liberdade como fio condutor dessa interpretação, que alcança a recuperação da teleologia como ação autoafirmativa da própria vida.

**Palavras-chave:** Vida. Liberdade. Teleologia. Dualismo. Monismo.

**Abstract:** This paper intends to present the general lines of what would be the philosophy of life developed by Hans Jonas special in his work *The Phenomenon of Life*, from 1966. To do so, the ontological, biological and phenomenological elements will be recovered to promote an analysis that starts from the Jonasian critique of the traditional interpretation of life in the philosophical and scientific realm, which is opposed to its ontological revolution, based on the conception of an integral monism. From there, the concept of psychophysical unity and freedom will be analyzed as the guiding thread of this interpretation, which achieves the recovery of teleology as a self-affirming action of life itself.

**Keywords:** Life. Freedom. Teleology. Dualism. Monism.

**Resumen:** Este artículo pretende presentar las líneas generales de lo que sería la filosofía de la vida desarrollada por Hans Jonas a partir de su obra *The Phenomenon of Life*, de 1966. Para tanto, se recuperarán los elementos ontológicos, biológicos y fenomenológicos para promover un análisis que parte de la crítica jonasiana de la interpretación tradicional de la vida en el ámbito filosófico y científico, que se opone a su revolución ontológica, basada en la concepción de un monismo integral. A partir de ahí, se analizará el concepto de unidad psicofísica y libertad como hilo conductor de esta interpretación, que logra la recuperación de la teleología como acción autoafirmante de la vida misma.

**Palabras clave:** Vida. Libertad. Teleología. Dualismo. Monismo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

## Introdução

*"A vida só pode ser conhecida pela vida".*  
(JONAS, 2004, p. 115).

Já na primeira linha da introdução de sua obra *The Phenomenon of Life: Toward a Philosophical Biology*,<sup>3</sup> de 1966, Hans Jonas apresenta aquela que seria a "hipótese preliminar" do seu trabalho: "uma filosofia da vida tem como objeto a filosofia do organismo e a filosofia do espírito" (PV<sup>4</sup>, 11). Tal hipótese caracteriza-se, já de início, como uma tentativa de romper com o dualismo que separou matéria e espírito, levando aos erros correntes da interpretação da vida, tanto em sentido filosófico quanto estritamente científico. Para Jonas, "mesmo em suas estruturas mais primitivas o orgânico já prefigura o espiritual" e "mesmo em suas dimensões mais elevadas, o espírito permanece parte do orgânico" (PV, 11). Essas são, conseqüentemente, as evidências mais contundentes para que a filosofia se dedique à tentativa de superar os equívocos do dualismo e dos dois movimentos pós-dualistas (o monismo materialista e o monismo idealista<sup>5</sup>), em vista de uma compreensão integral do fenômeno vital a partir de uma articulação da *dualidade* para além dos *dualismos*. Em outras palavras, trata-se de interpretar a vida sem negar seu aspecto duplo de materialidade e de espiritualidade, mas, ao mesmo tempo, sem recair na explicação dualista, ou seja, formulando a hipótese de um monismo

integral ou, segundo Eric Pommier, um monismo de "terceira via" (POMMIER, 2013, p. 195) que reconheça a vida como uma unidade psicofísica.

Para tanto, Jonas lança mão de uma estratégia que inclui a concepção de que as duas afirmações anteriores são "válidas e inseparáveis", colocando-se acima tanto das filosofias modernas (que não compreenderam, no geral, o espírito) quanto das antigas (que tiveram dificuldade para compreender o sentido material da atividade orgânica). Jonas, por isso, para enfrentar o problema, anuncia a sua filosofia como estando acima da "*querelle des anciens et des modernes*"<sup>6</sup> (PV, 11), o que significa, na prática, apoiar-se tanto em uma ontologia quanto em uma fenomenologia, tanto em elementos metafísicos quanto científicos, buscando um acordo entre ambos em vista de um monismo integral.

Assim, para compreender o pensamento de Jonas, partimos da concepção de que a centralidade da sua filosofia reside precisamente no tema da vida, o qual, como demonstraremos a seguir, deve ser examinado a partir do tema da liberdade. É esse esforço em busca de um monismo integral, ou seja, de uma compreensão psicofísica da vida o que vem a constituir aquilo que poderíamos chamar propriamente de uma *filosofia da vida*: um pensamento que toma a vida como problema filosófico, nos seus diferentes aspectos. No caso de Jonas, tal empreitada reúne os esforços teóricos da ontologia, da biologia filosófica e da fenomenologia, cujo resultado, como veremos, é uma visão integral da vida por meio do fio condutor da liberdade.

<sup>3</sup> Essa obra de Hans Jonas foi publicada em 1966, sendo que a edição alemã, com algumas mudanças aparece em 1973, com o título de *Organismus und Freiheit. Ansätze zu einer philosophischen Biologie* (Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1973) e é reeditada em 1994 com o título de *Das Prinzip Leben. Ansätze zu einer philosophischen Biologie* (Insel, Frankfurt am Main-Leipzig, 1994). A tradução para português foi realizada a partir desta última edição, sob o título de *O princípio Vida, Fundamentos para uma biologia filosófica* (Vozes, 2004). Neste trabalho usaremos as citações da obra conforme a tradução para o português, em confrontação com o original inglês e, quando necessário, indicaremos possíveis discordâncias.

<sup>4</sup> No presente trabalho usaremos as siglas convencionais para a citação das obras de Jonas, as quais se seguirá o número da página da edição que consta nas referências finais: PV (*O princípio vida*); EF (*Ensaio Filosófico*: do credo antigo ao homem tecnológico); PSD (*Pensar sobre Deus y otros ensayos*, título dado na versão espanhola à obra de 1992, *Philosophische Untersuchungen und metaphysische Vermutungen*); OF (*Organismo e liberdade*); M (*Memórias*). Os demais textos serão citados conforme as regras da ABNT.

<sup>5</sup> Para Hans Jonas, a modernidade assistiu duas tentativas de superação do dualismo (o que ele chama de "produtos da dissolução do dualismo" [PV, 26]): uma por meio do materialismo e outra do idealismo, considerados como dois monismos que não conseguiram compreender a vida a não ser a partir de um monismo de dois lados (portanto, um pseudo-monismo). Em outras palavras, ao tentar vencer o dualismo, os dois monismos não alcançaram um "denominador comum" (PV, 26), não fazendo mais do que reduzir o segundo elemento, ao que lhe é próprio, estratégia que ainda manteve a vida sob a interpretação de um monismo integral (tal como o pretendido por Jonas), mas, ao contrário, apenas a partir de dois monismos particulares. Para Jonas, esse fracasso se revela no fato de que o materialismo não deu conta de explicar a consciência, e o idealismo não alcançou a coisa-em-si. O caráter ontológico da vida permaneceu, nessas duas tentativas, ainda desconhecido, portanto.

<sup>6</sup> "Querela entre os antigos e os modernos"; Jonas usa a expressão francesa, em referência à disputa teórica nascida na França nos séculos XVII e XVIII a respeito da autoridade dos antigos em relação aos modernos.

## Uma nova interpretação do fenômeno da vida

A biologia filosófica proposta por Hans Jonas tem como objetivo elaborar uma nova interpretação do fenômeno da vida, uma vez que o autor considera que as interpretações anteriores, ainda vigentes, são incompletas e, até mesmo, equivocadas. Para ele, as interpretações tradicionais se revelaram insuficientes por terem compreendido a vida de forma dualisticamente fragmentada, na medida em que separaram os elementos ontológicos da matéria e do espírito ao invés de reconhecê-los pelo que são, elementos constitutivos integrais do ser vivo enquanto tal. Assim, a proposta de uma nova ontologia desenvolvida por Hans Jonas em *The Phenomenon of life* – considerada por ele mesmo como sua obra propriamente mais filosófica<sup>7</sup> – leva a interpretação da vida para um âmbito inédito, que pretende superar a tradicional divisão entre os pontos objetivos e subjetivos, em vista da constituição de um monismo integral que reconheça a vida na sua unidade psicofísica.

A pergunta pelo *ser* é formulada, na ontologia de Jonas, na forma de pergunta pelo *ser vivo*, ou seja, uma pergunta pelo *organismo*. Assim, trata-se de uma questão de tipo ontobiológica, na qual a fenomenologia aparece como um procedimento analítico de acesso aos dados fornecidos pelos seres vivos enquanto fenômenos. Isso significa que a pergunta sobre a vida deve reunir aspectos *ontológicos* (o que é a vida, como pergunta sobre o que é o *ser vivo*, ou seja, *o que é esse ser que se manifesta como vivo* e, ainda, qual é a condição própria de sua existência); *biológicos* (recorrer ao conhecimento científico disponível para reinterpretá-lo; recolher as vantagens da teoria evolucionista e elevá-la a um patamar

filosófico ou, nos termos do próprio Jonas, recolher os aspectos filosóficos do darwinismo); e *fenomenológicos* (descrever o fenômeno a partir da própria experiência do homem como ser vivo, em cujo corpo se realiza o fenômeno estudado e tendo em vista as informações fornecidas pelos sentidos). Ou seja, a sua proposta é de uma ontologia que esteja fundamentada nos dados adquiridos pela biologia e a partir dos elementos metodológicos trazidos pela fenomenologia.<sup>8</sup> Em razão disso, uma filosofia da vida seria composta de forma tripartite: a partir de aspectos ontológicos, biológicos e fenomenológicos.

Para desenvolver os principais aspectos de sua filosofia da vida, Jonas leva a cabo uma investigação sobre o modo como o tema da vida vem sendo interpretado pela tradição ocidental em sua forma de interpretar o corpo orgânico. Dessa maneira, a crítica de Jonas ao modo como a tradição filosófica interpretou a vida ao longo da história do pensamento ocidental dirige-se tanto às correntes pré-dualistas (que o autor caracteriza como *panvitalismo*, para expressar a realidade pré-moderna, na qual tudo estava vivo e a morte era uma exceção), quanto do ponto de vista do dualismo e dos dois movimentos pós-dualistas, o monismo materialista e o monismo idealista. De acordo com Jonas, nenhuma dessas interpretações deram conta de resolver o problema da vida em sua totalidade e complexidade porque sempre trataram a *dualidade* de forma *dualista*, ou seja, sem encontrar elementos capazes de articular a dualidade em uma única forma explicativa/descriptiva/interpretativa, como seria necessário.

Para o autor, a marca principal da interpretação filosófica sobre a vida tem sido o dualismo, caracterizado pelo esforço para retirar os conteúdos espirituais da esfera física, pois sua metodologia epistêmica está conectada à privação dos atribu-

<sup>7</sup> O tema da vida desenvolve-se a partir daquilo que poderíamos chamar, acompanhando a sugestão da esposa de Jonas, Lore Jonas, como o segundo momento de sua filosofia. O tema emerge a partir de sua vivência no cenário da Segunda Guerra Mundial, que ele registrou nas chamadas *Lehrbriefe* ("Cartas Formativas") dirigidas a sua esposa, escritas entre 1944 e 1945. Esses textos foram fundamentais para o início de sua pesquisa sobre o tema da vida, vindo a repercutir diretamente nas obras *The Phenomenon of Life. Toward a philosophical biology* (1966) e *Organismus und Freiheit* (1973). Assim, o tema da vida poderia ser indicado com um princípio que articula e une os projetos filosóficos de diferentes épocas e contextos de sua produção filosófica. Não é por menos que, de acordo com Tibaldeo, "a questão ontológica [da vida] atravessa o arco inteiro da reflexão jonasiana (gnose, biologia filosófica, ética da responsabilidade) e pode com razão ser considerada um *fil rouge* de seu pensamento" (TIBALDEO, 2019, p. 187).

<sup>8</sup> De acordo com Jonas, é preciso, ouvir "o testemunho fenomenológico da vida" que "se exprime em sua linguagem propriamente ontológica, independente de qualquer explicação científica" (MEC, p. 27). Ademais, enquanto o tema da vida está como fonte das preocupações de sua filosofia, Jonas acabou encontrando na biologia as bases para formular uma teoria unificada da vida.

tos espirituais do mundo. Ora, é na modernidade, principalmente com o cartesianismo, que o dualismo entre corpo e alma foi radicalizado, com a descrição da existência de duas substâncias, a *res cogitans* e a *res extensa*. A consequência dessa separação acabará por delimitar um epíteto no qual o corpo passou a ser tratado como aquilo que a alma não é e a alma, por sua vez, inversamente, como aquilo que o corpo não é.

Com a ascensão do materialismo moderno, a compreensão dos organismos vivos passou a ser orientada pela descrição dos fenômenos físico-matemáticos do mundo (isto é, da matéria inerte) que são acessados pela metodologia das ciências exatas, as quais passam a orientar também as ciências naturais, consolidando, assim, o que Jonas denomina de "ontologia da morte" (PV, 29). Para o autor, a ciência moderna acabou por desenvolver uma "ontologia cujo substrato é a matéria desprovida de todo e qualquer traço de vida, a matéria pura" (PV, 19), transformando o mundo em mera *res extensa*, uma massa inerte e morta, disponível para o conhecimento. Isso significa que somente o que está morto poderia ser conhecido, ou seja, o que está morto, na medida em que pode ser acessado pelo método científico moderno (baseado nos dados físico-matemáticos), tornou-se o paradigma do vivo, já que o vivo só pode ser compreendido a partir da matéria pura. O problema é que tal método, segundo Jonas, não alcançou *toda* a verdade sobre a vida, que é também portadora de um elemento de cunho espiritual que não pode ser acessado ou compreendido pela metodologia científica em vigor. Como resultado, a vida passou a ser interpretada unicamente por meio do método matemático, para o qual o entendimento da natureza e de todas as formas vivas, para que seja conhecido, deve se adequar à lógica da inércia, da inatividade e da passividade, tal como ocorre com a matéria morta (que é também considerada uma matéria pura, ou seja, destituída de qualquer aspecto espiritual). Em outras palavras, a vida, foi entendida unicamente a partir de um dos seus componentes (a matéria) e, sendo uma interpretação, tal formulação potencializou ainda mais a má compreensão do fenômeno.

Ao contrário do que ocorrera no período panvitalista (em que o vivo era o parâmetro de interpretação das coisas), a modernidade é marcada pelo panmecanicismo, no qual o morto passa a servir de orientação para a compreensão dos fenômenos vivos, os quais, sob a égide dessa visão mecanicista e materialista, foram submetidos às leis mecânicas da matemática e da física. Nesse sentido, a modernidade está marcada metodologicamente pela cláusula epistemológica das ciências naturais, uma vez que os seres vivos foram privados de ser compreendidos como seres portadores de um elemento ontológico que deveria ser evidente: a interioridade e a subjetividade. Ou seja, aos seres vivos não pertenceria nenhuma dimensão interior ou subjetiva, e essa não seria mesmo uma característica da vida, mas unicamente uma propriedade humana. Tal é o reducionismo ontológico que marca a modernidade e afeta a biologia:

a biologia científica, confinada por suas regras ao físico, aos fatos externos, precisa ignorar a dimensão da interioridade que pertence à vida: com isto ela faz desaparecer a distinção entre 'animado' e 'inanimado'. Uma nova leitura do texto biológico pode recobrir a dimensão interior – aquela que conhecemos melhor – para a compreensão das coisas orgânicas e assim reivindicar a unidade psicofísica da vida (PL, *Prefácio*, xxiii).

O projeto da ciência moderna, de um lado, é constituído a partir da afirmação de que a natureza é total e, exclusivamente, a exterioridade e, de outro, de que a interioridade, em nenhum sentido, faz parte da natureza. Desse modo, a nova metafísica da ciência moderna "colheu os frutos de um dualismo que em sua longa trajetória havia esvaziado a natureza de seus conteúdos espirituais e vitais" (PV, 95). A divisão cartesiana, portanto, permitiu que se traçasse um quadro puramente mecanicista e quantitativo do mundo natural que leva Jonas a perguntar, ironicamente: "Deus é um matemático?" (PV, 87), em referência às teses da filosofia da natureza "sempre de novo formuladas ao longo das épocas" de que o testemunho da criação comprovaria que o criador é um matemático puro" (PV, 87), dado que teria criado o mundo (a vida incluída) como mero dado acessível pela matemática. A hipótese do monismo integral se

contrapõe a essa perspectiva. Das duas uma: ou Deus não é um matemático ou ele não é o criador. A argumentação de Jonas se apoia no testemunho do corpo vivo para propor uma resposta negativa: se perguntássemos se Deus seria "essencial e simplesmente um matemático, mesmo apenas com referência ao universo material" a resposta seria "um decisivo 'não'" (PV, 117).

Em razão disso, em sua tarefa filosófica, Jonas parte do fato de que a separação artificial entre a *res cogitans* e a *res extensa* permanece como uma enorme barreira que precisa ser ultrapassada quando se trata de compreender "o que é a vida". Como fenômeno, ela não pode ser compreendida na sua totalidade nem por uma, muito menos por outra particularidade, ou seja, ela não pode ser restrita às interpretações reducionistas tanto pelo dualismo quanto pelos movimentos pós-dualistas que tentaram, mas não conseguiram, superar o dualismo porque continuaram pensando sempre a partir de um dos polos, ou seja, não superaram a errônea bipolaridade *espírito* e *matéria*. Nem somente a consciência pura (desligada do corpo) e nem tampouco a matéria pura (a invenção da modernidade, segundo Jonas, que prescindiu da presença de qualquer atividade espiritual no campo do que é vivo), servem para explicar o fenômeno da vida em sua complexidade. Por esse motivo, para Jonas, o problema da vida ainda continua representando um problema mal resolvido, cujo apelo ainda se apresenta como uma tarefa filosófica.

### A unidade psicofísica

Nessa perspectiva, o filósofo alemão propõe uma interpretação que dê conta de tratar a vida, do ponto de vista teórico, a partir da integralidade da matéria e do espírito que a constitui do ponto de vista existencial e, para isso, sugere um tipo novo de monismo, que reconheça a vida em sua unidade psicofísica. Desse modo, ele propõe um monismo filosófico que reconheça a *dualidade*

da vida (o fato de que ela é constituída por dois aspectos, o material e o espiritual) e que, ao mesmo tempo, recuse o *dualismo* (ou seja, o fato de que a explicação ou interpretação da vida tenha que ser feita sem lançar mão de um monismo efetivo, como aquele proposto pelo autor de *The phenomenon of life*). Jonas desenha as linhas, portanto, de uma nova ontologia que não somente rompe com o esquecimento da vida em sua complexidade no âmbito filosófico e científico, mas, principalmente, supera a sua consequência mais prejudicial, a compreensão incompleta, incoerente e equivocada do que seria, precisamente, um organismo. Ao afirmar que a vida é constituída, ao mesmo tempo, de matéria e de espírito, Jonas recupera a dimensão interior na sua proposta de um monismo integral. Por tal motivo, ele fomenta certamente uma "revolução ontológica"<sup>9</sup> e ilumina o tema da vida ao elaborar uma tentativa de superação do problema do dualismo e dos movimentos pós-dualistas – o monismo materialista e idealista.<sup>10</sup>

Dessa forma, devemos recorrer aos princípios gerais da biologia filosófica formulados por Jonas. De início, é importante notar que a expressão "biologia filosófica" não pode ser confundida com uma "filosofia da biologia", com uma "filosofia biológica" ou mesmo com uma "biofilosofia".<sup>11</sup> Bem antes, ela deve ser entendida como uma *ciência filosófica da vida*. Não se trata, nesse sentido, de abordar a biologia como um problema filosófico, cuja atividade pertenceria, em última instância, à epistemologia ou à filosofia da ciência. Além disso, Jonas recusa a compreensão da biologia como uma ciência submetida às normas das ciências exatas, uma vez que isso deu a essa área do saber um caráter fiscalista e materialista que teria, segundo o filósofo, levado a uma compreensão inconsistente e equivocada do organismo vivo. O olhar de Jonas está voltado para uma compreensão total do ser tendo em vista os aspectos corporal e subjetivo do or-

<sup>9</sup> *A revolução ontológica de Hans Jonas* (Cf. TIBALDEO, 2009).

<sup>10</sup> A filosofia de Jonas busca "derrubar por um lado as barreiras antropocêntricas da filosofia idealista e existencialista, e por outro as barreiras materialistas das ciências naturais" (PV, 7).

<sup>11</sup> Em *The Phenomenon of Life*, Jonas já no subtítulo nos oferece a indicação clara de que se trata de um projeto de uma "biologia filosófica". Porém, apareceram na literatura diversos termos similares, muitas vezes tratados como equivalentes, encontrados em autores como Theis (2008, p. 39) e Hottois, (1994, p. 99). Para uma compreensão adequada desse debate cf. Lopes (2017, p. 106).

ganismo. Ou seja, o autor aborda a ciência do organismo vivo a partir de uma perspectiva que reconhece nele uma dimensão deixada de lado pelas ciências naturais: a dimensão psíquica, isto é, a interioridade. Por esse motivo, uma biologia filosófica não pode ser tratada como uma simples e pura biologia física, mas uma biologia que se volta para o todo, no sentido psicofísico. Portanto, a partir dos dados do ser vivo que somente a biologia pode nos proporcionar, Jonas faz uma abordagem filosófica da vida.

Nesse sentido, o adjetivo "filosófico" indica simplesmente que se trata de analisar os dados da biologia sob o método fenomenológico oferecido pela filosofia contemporânea, especialmente aquele aprendido por Jonas de seus mestres Husserl e Heidegger e reinterpretado por ele mesmo. Não se trata de analisar de uma maneira científica ou puramente física a vida, ignorando a dimensão da interioridade, mas, antes, de fazê-lo de forma propriamente filosófica, atenta ao modo como a vida se manifesta para aquele ser em cuja vida ela mesma se apresenta como problema, ou seja, o ser humano. Ora, ao contrário disso, a biologia científica (não filosófica) trata a vida através de suas regras matemáticas e físicas, de tal forma que não possui ferramentas necessárias para considerar o elemento subjetivo, ou seja, o aspecto interior/espiritual da vida, um aspecto interpretativo tido como objeto reflexivo próprio da filosofia. Não é por acaso que o termo "biologia filosófica" cunhado por Jonas, se identifica ao mesmo tempo, como vimos anteriormente, com os termos "filosofia do organismo" e "filosofia do espírito" (PV, 11) uma vez que estas duas, sendo hipóteses jonasianas, constituem uma autêntica "filosofia da vida" (PV, 11).

Para propor, portanto, uma ontologia da vida, Jonas se ampara nos dados fornecidos pela biologia, uma vez que a sua proposta está marcada pela formulação de uma pergunta pelo ser vivo, isto é, uma pergunta pelo organismo. Jonas acolhe em seu empreendimento a tarefa de colocar a dimensão material (orgânica e corporal) e espiritual (interior e subjetiva) da vida na discussão filosófica. Assim, a partir de uma "releitura do texto biológico" (PV, 7), o autor formula uma ontologia

da vida fundamentada a partir de quatro características: a) o poder da subjetividade, apresentando a subjetividade como um fato ontológico da vida; b) o monismo integral, compreendendo a integralidade psicofísica entre os aspectos material e espiritual; c) a característica autoafirmativa da vida, uma vez que, tendo vindo a existir, a vida escolhe sempre a si mesma; e d) a vida estando constantemente ameaçada pelo "não ser", expressa uma vulnerabilidade e precariedade.

Para a descrição ontológica a partir dessas características da vida, a filosofia jonasiana parte do método fenomenológico, o qual está determinado por um aspecto fundamental da vida, o fato evidente de que a vida é um fenômeno e que, como tal, apresenta-se à consciência daquele que pode formular a pergunta sobre ela, ou seja, o ser humano. Isso significa que ela tem uma gênese e segue uma história, sua aparição mantém-se no tempo através da diversificação e da criação de complexidades sempre maiores. Sendo assim, Jonas apresenta como dado observável a relação intrínseca de todos os seres vivos com o mundo – testemunho vital que pode ser acessado somente por meio das evidências dos dados trazidos pela biologia e por pelo método fenomenológico. Para ele, uma tal relação de interdependência (que ele caracteriza como uma relação de *mediaticidade*) é estabelecida precisamente a partir da precariedade que marca a vida e que a obriga a estabelecer relações com o meio em busca de sua autoafirmação. É nessa relação, inclusive, que a liberdade aparece como dado fundamental: liberdade, seria, precisamente, o nome dessa relação necessária do organismo com o seu meio, a partir do que se torna possível a vida e, mais ainda, a depender dos graus dessa abertura para o mundo, por meio da qual o próprio organismo é enriquecido interiormente.

Apesar de ter herdado criticamente o legado teórico da fenomenologia tradicional, Jonas concebe o seu próprio método fenomenológico de análise na tarefa de compreender a experiência da vida, cujos resultados se articulam com uma nova abordagem de tipo metafísica. E é enquanto experiência que a fenomenologia de Jonas for-

nece uma descrição argumentativa de que a vida é ao mesmo tempo matéria e espírito, porque é nela que o autor encontra a metodologia que possui a capacidade de compreender a vida em sua história relacional de complexificação interior provocada pela sua manifestação exterior.

Dessa forma, ao indagar o que é a *vida* e verificar que ela é constituída de matéria e de espírito, Jonas recupera, para além de uma dimensão corporal, a dimensão interior e, conseqüentemente, o aspecto teleológico da vida, o qual, para Jonas, faz referência direta à sua finalidade que se realiza como sua própria autoafirmação: na medida em que a vida diz *sim* para si mesma, ela passa a representar um novo âmbito de finalidade que é evocada precisamente quando o organismo, em ato de liberdade, escolhe sempre a si mesmo, ou seja, decide buscar as condições que possibilitem a sua persistência enquanto indivíduo. Tal aspecto está diretamente ligado ao conceito de liberdade. O caminho escolhido por Jonas, para enfrentar esse problema, é ampliar a noção de liberdade entendendo a vida como um fenômeno evolutivo no qual, em todos os níveis, existe uma manifestação de graus de liberdade, o que torna esse conceito um elemento que permite unificar e sistematizar a interpretação da vida e, ao mesmo tempo, mantê-la constantemente acessível e aberta para revisões.

### O conceito de liberdade

O conceito de liberdade se apresenta como fio condutor, na medida em que é alargado desde o âmbito do *agir* (ética) até o âmbito do *ser* (ontologia), servindo como fundamento da biologia filosófica proposta por Jonas. Trata-se de uma chave interpretativa na compreensão da vida a partir da relação entre a interioridade e a transcendência, manifestada por uma identidade que vigora na autonomia e na independência da forma orgânica. Pelo conceito de liberdade e pelos seus produtos (entre os quais a difícil relação entre forma e conteúdo, própria dos organismos vivos) Jonas busca a possibilidade de entender a vida como um fenômeno unificado. Para o autor, a liberdade pode ser reconhecida

já nas formas mais elementares de vida e a sua primeira aparição pode ser identificada no *metabolismo*. Partindo dos "aspectos evolutivos do darwinismo" (PV, 49) e dos dados trazidos pela biologia, Jonas se refere ao metabolismo como "a condição básica" de toda a vida (PV, 14), um aspecto segundo o qual o organismo mantém uma relação de troca com o meio, manifestando uma identidade interna, expressa em seu *sim* ao mundo – que é caracterizado por Jonas como uma *transcendência*. É desse modo, então, que a biologia filosófica busca seguir os desdobramentos dessa liberdade germinal através dos diferentes níveis da evolução orgânica, os quais partem do metabolismo, passam pela sensação, percepção, emoção, para alcançar a mobilidade e a própria racionalidade. O metabolismo, portanto, consiste no primeiro degrau da liberdade que ascende nas diversas formas de vida até aquela que se apresenta no ser humano.

Isso porque, para Jonas, a vida orgânica pode ser definida, de forma resumida, como uma atividade de auto-organização do movimento orgânico em sua transcendência no espaço e no tempo. Para o autor, a vida é uma atividade cuja finalidade é a autotranscendência dos organismos vivos em sua abertura em direção ao mundo. E essa atividade é o exercício da liberdade vital, ou seja, por ter um interesse pelo que será de si no momento seguinte, para a sua sobrevivência, a vida transcende a si mesma em atos de liberdade e diferencia-se de seu ambiente ao mesmo tempo que está em constante relação de dependência com ele. Ora, nesse sentido, ela é obrigada a *escolher a si mesma*. O fato de a vida dizer sim para a sua própria existência não é nada senão o poder de se transformar em prol da sua sobrevivência, utilizando-se dos elementos recolhidos no exterior, dada a constante ameaça do "não ser": a possibilidade do ser vivo não vir mais a ser, ou seja, a morte. A vida é, nesse sentido, um acontecimento que se manifesta como conservação de si, ou seja, uma autoafirmação obrigatória para a sua existência no mundo. E é justamente nessa obrigação ontológica, ou seja, no dever de exercitar o seu poder, que a vida é

compreendida por Jonas a partir do conceito de "liberdade dialética" (PV, 106): isso significa que a vida é constituída por um processo paradoxal entre liberdade e necessidade, no qual as relações de contradições entre autonomia e dependência e entre extinção e continuidade, fundam o seu ser.

O fundamento desse argumento está no aspecto da *mortalidade da vida*: é porque pode morrer que todo ser vivo deve abrir-se ao mundo, em atos de liberdade derivados de sua *vulnerabilidade contra o não ser*, ou seja, contra a morte que o ameaça. Isso significa que a liberdade é um exercício obrigatório e necessário para a sua própria continuação, mas que não é uma aventura certa de êxitos, pois a vida está constantemente em um precário "equilíbrio entre o ser e o não-ser" [sic] (PV, 7), ou seja, há uma ameaça constante e real que coloca em dúvida a continuidade da vida.

Desse modo, como um *conceito descritivo*, a liberdade passa a ser uma marca fundamental e, de acordo com Jonas, um "princípio contínuo" da vida em si mesma (PV, 106), sendo o elemento comum em todos os graus do processo evolutivo da vida. Ora, precisamente a descrição e a interpretação dessa continuidade ontológica da vida é a tarefa assumida pela filosofia da vida desenvolvida por Jonas. É, portanto, na ideia de liberdade, que temos um "conceito-guia" capaz de orientar-nos na "tarefa de interpretar a vida" em sua complexidade e em sua unidade (PV, 106). Como um "conceito ontologicamente descritivo" (PV, 13), ou seja, uma noção que ajuda a compreender o que é o organismo vivo, a liberdade é como um "fio de Ariadne" (PV, 14) na medida em que contribui para uma nova interpretação da vida. Significa dizer que a liberdade é uma característica intrínseca que serve à descrição fenomenológica da estrutura mais elementar da vida e, portanto, que ela representa um "traço ontológico fundamental da vida em si" e um "princípio ontológico" (PV, 106) que permite descrever a vida como e enquanto um fenômeno.

Como já dissemos, para Jonas, há diferentes graus de *liberdade*, ou seja, há diferentes graus de abertura da *interioridade* da vida para a *exterioridade* do mundo material. Como graus

ascendentes eles servem de instrumento de descrição e de interpretação, o que faz com que a liberdade seja necessária, como conceito, e "há de acompanhar-nos em todo o nosso caminho ascendente" (PV, 14) de interpretação da vida. Esses graus de liberdade são descritos por Jonas como "capacidades naturais" (PV, 15): "metabolismo, sensação, movimento, afeto, percepção, imaginação, espírito" (PV, 15) formam as principais características das espécies vegetais, animais não humanos e humanos, sucessivamente. Não é por menos que Marie Geneviève Pinsart afirma que "a vida é a história da liberdade através da evolução dos seres vivos" (PINSART, 2002, p. 79).

Nota-se, assim, que no projeto ontológico jonasiano, um novo entendimento do conceito de liberdade é fundamental para que o corpo-vivo, desde sua forma mais elementar, seja analisado de forma integral e, com isso, a vida seja integralmente compreendida. Em outros termos, a ampliação do conceito de liberdade, nos diferentes estágios dos corpos-vivos, é um elemento fundamental para uma ontologia da vida. Assim, ao propor uma nova interpretação do fenômeno vital, na qual o conceito de liberdade se torna a pedra de toque para a sua filosofia biológica, Jonas chega a uma perspectiva finalista da natureza.

### A recuperação da teleologia

Outro elemento fundamental da filosofia da vida proposta por Jonas diz respeito ao resgate da noção de teleologia. Se a modernidade tem como marca, precisamente, a negação da finalidade no âmbito da natureza, Jonas propõe a reabilitação da teleologia como instrumento para "pensar uma biologia filosófica – ou ontologia – que atenda de forma mais exata à construção de um universo psicofísico" (LOPES, 2010, p. 48). A ciência moderna, ao contrário, privou a natureza de "qualquer tendência à meta, até da mais inconsciente, de qualquer preferência de um estado futuro frente a outro" (PSD, 95-96), eliminando as causas finais e formais e deixando apenas as causas eficientes. Assim, só o que existe fisicamente pode provocar a causa de outro existente sem qualquer intencionalidade e direção a uma meta: a vida é

formada por forças que agem apenas por meio de uma dinâmica neutra e cega. Tudo na natureza passa a ser visto como acidente, como mero "automatismo de forças neutras" (EF, 105), uma perspectiva que foi estendida pela teoria darwinista a toda a esfera do vivo. O resultado disso é que a ciência moderna provocou um processo de desencantamento da visão do ser humano em relação ao cosmos e, por conseguinte, ao próprio ser humano. Além de sublinhar a causalidade de caráter quantitativo, destituída de finalidade, podemos ressaltar também a nova imensidão do cosmos que, com a ideia de infinitude, ocasionou a inferioridade do ser humano no seu âmago. O sentimento de indiferença e solidão do homem diante da natureza e da vastidão cósmica é extremamente alargado na modernidade e, assim, a subjetividade foi reduzida à condição de apátrida no sistema do objetivo – que se traduz no "enigma da consciência no mundo" (PSD, 96).

A natureza, desse modo, passa a ser interpretada como totalmente desprovida de interesse, isto é, de finalidade, propósito, meta e, também, de vontade. O ser humano, por ser o único a ser compreendido a partir de uma interioridade, é também o único que fundamenta as suas ações como resultado da sua vontade. Sendo assim, a natureza passa a ser vista como um objeto da própria *vontade de poder* do ser humano sobre as coisas. Ora, o que não tem vontade, não tem qualquer poder de justificação, é indiferente e permite qualquer ação. Ora, sem finalidade, a natureza fica sem valor e, portanto, aberta à exploração ilimitada da ciência moderna, a qual se recusa a "dar qualquer instrução sobre o que podemos ou não fazer" diante do poder e do perigo que a noção científica do mundo acarreta, "já que os 'valores' como fonte de um dever fazer não têm espaço algum nela" (PSD, 97). Em razão disso, a natureza perde valor e se torna um mero objeto da vontade humana, privada de qualquer sentido de dignidade.

A renovação da teleologia na biologia filosófica de Jonas pode ser, certamente, designada de "neofinalismo" (LOPES, 2010, p. 47; HOTTOIS,

1994, p. 95), uma vez que define um universo que acolhe finalidades desde o seu núcleo mais elementar. Ou seja, Jonas defende a concepção de um finalismo no interior do próprio vir-a-ser da natureza, isto é, uma natureza em processo e em evolução. E essa é uma estratégia necessária a Jonas, de acordo com Barbaras, porque "a possibilidade de se pensar o aspecto subjetivo nos níveis mais elementares da vida orgânica é em resposta a este desafio, inclusive, que encontramos a retomada da teleologia em Jonas" (BARBARAS, 2003, p. 69). A finalidade está certamente relacionada com a abertura da interioridade da vida em direção ao mundo, isto é, o exercício da liberdade vital. Tal ideia de finalidade, entretanto, não pode ser entendida em um sentido de um desenvolvimento necessário do espírito da história da vida, mas sobretudo como um processo ocasional e arriscado, cujo sucesso e fracasso dependem das habilidades de intercâmbio dos seres vivos com o mundo ao redor.

Ora, o ser vivo só exerce a sua liberdade e, assim, expande a sua interioridade, manifestando-se no mundo, porque tem um corpo. Somente o corpo pode possibilitar qualquer noção de causalidade no mundo e, por conseguinte, é ele que permite a compreensão da realidade. Na filosofia de Jonas, o corpo aparece tendo um papel fundamental na tentativa de "reconquistar para a unidade psicofísica da vida o lugar que ela perdeu na teoria após a separação estabelecida por Descartes entre o mental e o material<sup>12</sup>" (PV, 7). É no corpo-vivo, portanto, que encontramos o elo de ligação da "unidade psicofísica" (PV, 7), pois, é nele que a dualidade, interior e exterior, o eu e o mundo se encontram. Portanto, no corpo "está amarrado o nó do ser, que o dualismo rompe, mas não desata" (PV, 34). Assim, a ontologia que Jonas propõe tem como o ponto de partida a centralidade do corpo na interpretação fenomenológica da vida. O corpo é o "nó do ser", o que significa que a compreensão do corpo é via de acesso pelo qual podemos conhecer o ser, isto é, a vida. Assim, para Jonas, o corpo-vivo, ou seja, a

<sup>12</sup> Jonas se refere aqui à separação entre *res cogitans* e *res extensa* que ficou conhecido, na tradição filosófica, como dualismo cartesiano, porque baseado na distinção entre corpo e alma, cujos atributos seriam diferentes e provocaram um debate sobre como articular esses dois elementos em um único amalgama, ou seja, precisamente o problema jonasiano do monismo integral.

vida orgânica, terá que ser entendida e descrita tanto como tendo propriedade do extenso e físico, como também tendo propriedade da “dimensão da interioridade” (PV, 7) que é partilhada por animais humanos e não humanos, como por exemplo, sensação e vontade. Ou seja, Jonas tenta reconhecer o aspecto subjetivo-interno nos níveis mais elementares da vida orgânica, como dados ontológicos fundamentais do Ser.

### Considerações finais

A vida é considerada por Jonas como o mais incompreendido dos fenômenos e, ao mesmo tempo, como o evento mais importante da história do ser e sobre ela, pois, é que se deve desenvolver uma teoria geral do Ser:

Minha tese: a essência da realidade é expressa da maneira mais completa na existência propriamente orgânica do organismo, não no átomo, nem na molécula, nem no cristal, nem nos planetas, os sóis e assim por diante, mas no organismo vivo, que sem dúvida é um corpo, mas não deixa de ocultar nele algo mais que o mero ser mudo da matéria. Deste ponto em diante, torna-se possível, em geral, desenvolver uma teoria do Ser (M, 238).

É nesse sentido, portanto, que o autor propõe uma nova perspectiva de interpretação da vida, que dê conta de tratá-la, do ponto de vista teórico, de acordo com a integralidade de matéria e de espírito que a constitui do ponto de vista ontológico. Ao afirmar que a vida é constituída, simultaneamente, de matéria e de espírito, Jonas recupera, portanto, a dimensão interior, subjetiva e psíquica, em articulação direta e complementar com a dimensão exterior, ressaltando o seu aspecto teleológico. O resultado é a constituição de um monismo integral e a própria reabilitação da teleologia, como produtos de uma “biologia filosófica – ou ontologia – que atenda de forma mais exata à construção de um universo psicofísico” (LOPES, 2010, p. 48). Ora, é exatamente essa corajosa reabilitação da teleologia, como produto do reconhecimento do aspecto interno, subjetivo e/ou psíquico da vida, que marca o caráter de uma autêntica “revolução ontológica” na filosofia da vida proposta por Hans Jonas.

### Referências

- JONAS, Hans. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. 2. ed. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JONAS, Hans. *The phenomenon of life. Toward a Philosophical Biology*. Illinois: Northwestern University, 2001a.
- JONAS, Hans. *Memorias*. Traducción de Illana Giner Comin. Madrid: Losada, 2005a.
- JONAS, Hans. *Philosophical Essays*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- JONAS, Hans. *Pensar sobre Dios y otros ensayos*. 2. ed. Traducción de Ángela Ackermann. Barcelona: Herder, 2012.
- BARBARAS, Renaud. Life, Movement, and Desire. *Research in Phenomenology*, IS. I., v. 38, p. 3-17, 2008. Disponível em: [www.brill.nl/rp](http://www.brill.nl/rp). Acesso em: 20 maio 2021.
- BARBARAS, Renaud. *Introducción a una fenomenología de la vida: Intencionalidad y deseo*. Tradução de Jesús María Ayuso Diez. Madrid: Ediciones Encuentro, S. A, 2013.
- HOTTOIS, Gilbert. Une analyse critique du néo-finalisme dans la philosophie de H. Jonas. *Laval théologique et philosophique*, Québec, v. 50, n. 1, p. 95-110, feb. 1994.
- LOPES, Wendell Evangelista Soares. A renovação da teleologia em Hans Jonas: da biologia filosófica aos fundamentos da ética. *Revista de Filosofia Principios*, Natal, v. 17, n. 28, p. 47-70, jul./dez. 2010.
- LOPES, Wendell Evangelista Soares. *Hans Jonas e a diferença antropológica*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- LOPES, Wendell Evangelista Soares. Hans Jonas e o problema do primado do metabolismo. In: CARVALHO, Helder Buenos Aires. de; OLIVEIRA, Jelson. (org.). *Ética, técnica e responsabilidade*. Curitiba, PR: CRV; Teresina, PI: EDUFPI, 2015. cap. 14, p. 293-317.
- LOPES, Wendell Evangelista Soares. Hans Jonas: fenomenólogo e metafísico da vida. In: FALABRETTI, E.; OLIVEIRA, J. (ed.). *Fenomenologia da Vida*. 1. ed. Curitiba: Pucpress, 2018. p. 63-77. No prelo.
- OLIVEIRA, Jelson. *Compreender Hans Jonas*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- OLIVEIRA, Jelson. Vida. In: OLIVEIRA, Jelson.; MORETTO, G.; SGANZERLA, A. *Vida, técnica e responsabilidade: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas*. São Paulo: Paulus, 2015. cap. 1, p. 15-74.
- OLIVEIRA, Jelson. A fenomenologia do comportamento animal em Hans Jonas. In: FALABRETTI, E. OLIVEIRA, Jelson. (ed.). *Fenomenologia da Vida*. 1. ed. Curitiba: Pucpress, 2019, p. 155-168.
- PINSART, Marie-Genevieve. *Jonas et la liberté. Dimensions théologiques, ontologiques, éthiques et politiques*. Paris: Vrin, 2002.
- PINSART, Marie-Genevieve. Liberdade. In: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric. (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2011, p. 131-138.

POMMIER, Eric. *Hans Jonas et le principe responsabilité*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

POMMIER, Eric. *Ontologie de la vie et éthique de la responsabilité selon Hans Jonas*. Paris: Vrin, 2013a.

POMMIER, Eric. Le sens de la vie chez Hans Jonas. *Études*, 2013b (Tome 418), p. 485-495. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2013-4-page-485.htm>. Acesso em: 20 mai. 2021.

POMMIER, Eric. La responsabilité de la vie: l'autonomie dans la vulnérabilité. *Alter Revue de phénoménologie*, 22, 2014, Disponível em: <http://journals.openedition.org/alter/303>. Acesso em: 20 maio 2021.

POMMIER, Eric. Hans Jonas's Biological Philosophy: Metaphysics or Phenomenology? *International Philosophical Quarterly*, v. 57, n. 4, p. 453-469, dez. 2017.

POMMIER, Eric. Vida. In: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric. (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019, p. 255-260.

TIBALDEO, Roberto Franzini. *La rivoluzione ontológica di Hans Jonas: uno studio sulla genesi e il significato di "Organismo e Libertà"*. Milano: Mimesis, 2009.

TIBALDEO, Roberto Franzini. From Dualism to the Preservation of Ambivalence. In: LARRÈRE, Catherine.; POMMIER, Éric. (org.). *L'éthique de la vie chez Hans Jonas*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2013, p. 33-48.

TIBALDEO, Roberto Franzini. Animal, "transanimal" e humano no pensamento de Hans Jonas. In: CARVALHO, Helder Buenos Aires. de; OLIVEIRA, Jelson. (org.). *Ética, técnica e responsabilidade*. Curitiba, PR: CRV; Teresina, PI: EDUFPI, 2015. cap. 2, p. 31-47.

TIBALDEO, Roberto Franzini. Ontologia. In: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric. (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019, p. 187-195.

---

### Jelson Roberto de Oliveira

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba, PR, Brasil.

---

### Pedro Jaras Malta

Mestre e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba, PR, Brasil; doutorando em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Jelson Roberto de Oliveira  
Rua Manoel Eufrásio, 1231, apto. 802B  
Juvevê, 80540-010  
Curitiba, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*